Expresso, 18 de fevereiro de 2022 PRIMEIRO CADERNO 39

Henrique Monteiro

OS DIAS QUE ME OCORREM

AS REGRAS DO JOGO

Como um grupo de crianças que se junta e inventa as regras das suas próprias brincadeiras e jogos, uns senhores representantes dos partidos decidiriam que aquilo que está na lei não é para cumprir (algo muito bem explicado por Luís Aguiar-Conraria duas páginas atrás). Depois, um dos partidos, o PSD, consultou os servicos jurídicos e mudou de opinião. Os outros, porém, quiseram continuar a brincadeira e foram em frente. O papá Marcelo também não viu nada de mal. De modo que esse portento eleitoral chamado Volt recorreu para o TC (houve mais a recorrer, mas não cumpriam os requisitos) e o TC, como era óbvio, decidiu ser tudo inconstitucional. As eleições repetem-se, o processo de constituição do Governo atrasa-se, assim como o Orçamento. Há brincadeiras que saem caras.

ILEGAL, MAS LEGAL

Sabiam ser proibido exigir uma fotocópia do Cartão do Cidadão? Sabiam que essa lei afirma só existir essa proibição se outra lei (caso do voto por correspondência) não estipular a legalidade do ato? Sabiam que esta trapalhada devia ter passado pela Comissão Nacional de Proteção de Dados para esta dar parecer? Sabiam que caso passasse, o mais natural seria o parecer ser negativo? Já repararam que tudo isto é claro como água?

SECA

Pior do que estas trapalhadas e o nível das albufeiras; há quem diga que é devido a uma seca extrema; há quem contraponha que se deve ao uso excessivo de energia hídrica que faz descer as albufeiras, pois já terá havido secas maiores com mais água armazenada. Seia de quem for a razão, o certo é a água ser pouca, sobretudo em certas regiões. Não havendo muitas soluções senão esperar que chova, convinha, ao menos, um estudo sério sobre o fenómeno.

CAMIONISTAS

Comecou no Canadá, em Otava. Os camionistas fartos da pandemia criaram um pandemónio. A exigência do fim das medidas de combate à covid paralisou a cidade. O fenómeno foi alargando e chegou aos EUA e a países da Europa, como a França e o Reino Unido, embora com menos vigor. É sempre preocupante quando a força (seja física, seja outra) se sobrepõe à lei. Mas em Portugal (remeto para o início desta coluna) os partidos encarregam-se de fazer leis que... podem, ou não ser legais...

UCRÂNIA Nem vou discutir se a culpa da tensão na Ucrânia é dos EUA. Já todos sabem que sim, que a indústria armamentista americana é responsável por todas as guerras. Aliás, antes de 1776, data da fundação dos EUA, nem havia guerras. Portanto, a Rússia invadiu a Crimeia em 2014, e tomou parte da Ucrânia através de milícias (onde a população russófila é preponderante) devido à indústria armamentista. Também é devido a tal indústria e ao belicismo inerente aos ocidentais que a Rússia mantém um ditador na Bielorrússia; não sei mesmo se a China não invadiu o Tibete por causa do vício norte-americano em fabricar guerras. É uma ladainha igual sempre que há um conflito. Esquecem que aos EUA devemos não ter vivido horrores sob a pata de Hitler ou de Estaline.



POIROT, A CRIADA DA VIZINHA, TERROR INFANTIL E OUTROS ASSUNTOS MAGNOS

ra uma vez um tempo em que se discutia a sério a qualidade do jornalismo. Para ser justo, essa prática ainda existe, a diferença é que, hoje, ninguém liga ao debate, e menos ainda às conclusões. Nesse tempo, há cerca de 40 anos, penso, fiz uma co-municação no I Congresso dos Jornalistas a criticar o recurso a fontes que nada contribuem para o esclarecimento da verdade dos factos, aquilo que (eu sei que anda esquecido) o jor-nalismo almejava.

Com um estilo, que bem ou mal, me vem da infância da profissão, ou talvez da infância propriamente dita, chamei a um texto sério 'Poirot e a criada da vizinha'. Porquê? Porque, penso eu, apenas com um pouco de humor se consegue atu-rar tanta idiotice. A história era esta, e estava descrita num vespertino (lá está, havia jornais que saíam à tarde, não havia telemóveis nem computadores): um adolescente foi encontrado afogado no fundo da piscina da casa dos seus pais, onde vivia, no Restelo. Se me lembro bem, estava vestido, tinha o capacete de moto colocado e as correntes que serviam para a amarrar e impedir o seu roubo, à volta do pescoço e do corpo. A polícia apontou para suicídio. Mas um repórter mais esperto foi perguntar à criada (na altura chamava-se assim às senhoras da limpeza ou empregadas domésticas) da casa vizinha se não dera por nada estranho. A empregada, sobre o modo como o rapaz fora parar ao fundo da piscina, nada sabia, mas tratou de dizer que a mãe do rapaz passava a vida aos berros com ele, e que talvez fosse dro-ga. Encontrada uma explicação e, até, uma presumível culpada da infelicidade suicida, o caso estava arrumado. Só que, estas coisas têm consequências e a mãe do rapaz ficou seriamente abalada quando soube da notí-cia, a precisar de tratamento. Acresce que ninguém na famí-

lia era figura pública. Desta história salto para outra que foi uma das minhas primeiras reportagens: sobre um miúdo de 16 anos que desviou um avião da TAP para Madrid. Era o voo 131 entre Lisboa e Faro e o rapaz (omito o nome propositadamente, mas na al-tura todos os jornais o referiram) meteu-se nele, em vez de ir para a escola, e à chegada à cidade algarvia, com um instrumento qualquer, obrigou o piloto a ir para Madrid. O avião aterrou na capital espanhola, sendo cercado. Não chegou a existir qualquer violência e o rapaz foi detido. Em Portugal, o primeiro-ministro, então Sá Carneiro, disse que o caso ia ser



Todos os media existem para invadir as nossas vidas com perceções artificiais e valores arbitrários

Marshall McLuhan

(1911-1980), sociólogo canadia-no, um dos primeiros teóricos da comunicação. Ficou famoso por prever o surgimento de algo como a internet e por máximas como "o meio é a mensagem". É dele também a expressão 'aldeia global'



tratado de acordo com a idade do pequeno 'pirata do ar', como foi chamado, e a jornalista da foi chamado, e a jornalista da RTP, em cujo arquivo recordei algumas destas informações, que era Diana Andringa, in-sistiu junto de Sá Carneiro na necessária benevolência para quem tinha apenas 16 anos. O mesmo fiz eu, na reportagem que escrevi, intitulada 'Deixem os putos voar', porque era isso mesmo que o miúdo queria: andar de avião. A sua mãe testemunhava ser um rapaz exem-plar e não entender por que razão fizera aquilo. A família vivia no Feijó, na margem Sul do Tejo, e era humilde. Agora, um rapaz de 18 anos,

armado de terríveis armas, como *sprays* de tinta, ou bo-tijas de Campingaz, além de uma besta e setas, com um plano detalhado para matar os seus colegas da Faculdade de Ciências da UL, onde era aluno brilhante, está detido por terrorismo. Não discuto o procedimento jurídico — o suspeito é maior e será, até, vacinado. O que não vejo (ou melhor, pouco vi) é qualquer benevolência dos jornalistas, que se entretiveram a perguntar a uma aldeia inteira o que pensavam do jovem estudante; além disso, divulgaram a ficha clínica do detido, insinuando relações entre a sua doença e a ação que desenvolveu (o que de acordo com todos os especialistas é abusivo e mentiroso) e, não contentes, assaltaram a Faculdade para aquilatar do stresse pós-traumático dum atentado que não existiu.

Pior do que tudo isto, e da involução nos cuidados jorna-lísticos, é a exaustão. Serviço noticioso após serviço noticio so, repete-se o mesmo, aquela pergunta que devia ser banida — "o que sente?". O assunto dominava a informação, não fora o ex-presidente do Sporting ter sido expulso do "Big Brother", por algo que nem percebi bem o que era, apesar de ser a favor da sua expulsão de qualquer local (além da expulsão do "Big Bro-ther" de qualquer TV). Soube que teria a ver com violência doméstica, crime de que o próprio programa poderia ser alvo de queixa semelhante. Afinal, aqui-lo é violência doméstica da pior,

da mais rasca e mais rasteira. E pronto, entre um podero so atentado terrorista que não so atentado terrorista que nao existiu, evitado devido à sábia ação da polícia, e um tonto expulso de um programa execrável, passámos dias e dias de noticiário. Qual Ucrânia, qual inflação, qual aplicação de fundos, qual o quê? Como dizia o falecido Jorge Perestrelo, "é disto que o meu povo gosta!"

ANTES QUE Me esqueça



TERROR A Europol

define o jiadismo como "uma ideologia violenta

jiadistas legitimam o uso da violência com a doutrina islâmica clássica sobre a jihad, termo que significa literalmente 'luta' ou 'esforço', reinterpretada como guerra de cariz religioso. Mesmo durante a pandemia, grupos jiadistas cometeram atentados na Europa. Segundo o relatório de 2021 da Europol, houve 57 tentativas de ataque na UE (incluindo tentativas fracassadas e frustradas pelas autoridades), o que compara com 55 no ano anterior, 2019. antes da pandemia. A maioria na Alemanha, Áustria e França e os claramente de origem jiadista responsáveis por mais de metade dos mortos (12 em 21) e feridos (47 em 54). Na página do Parlamento Europeu continua a ler-se que o jiadismo é a ameaca mais perigosa no nosso continente, em termos de terrorismo e que os ataques se fazem, cada vez mais, com armas mais simples. Cita-se: "(...) principalmente esfaqueamentos, atropelamentos e incêndios criminosos". Isto para não pensarem que entendo os ataques terroristas como fantasias. Não são, mas preciso saber caracterizá-los.



BREIVIK

tem cor ou religião e quem o pratica menos ainda. No geral, o executante é o tipo a

chamou 'idiota útil'. O caso de Andres Breivik, que na Noruega, em 2011, matou 77 jovens sociais-democratas num acampamento de verão, é paradigmático. Breivik foi condenado a 21 anos de cadeia, prorrogáveis. No início deste mês, mais de 10 anos cumpridos, os seus advogados pediram a revisão da pena. Breivik afirmou que tinha renunciado à violência, mas como optou por, em pleno tribunal, fazer saudações nazis e proclamar-se supremacista, os juízes entenderam, e bem, que convinha continuar preso. Em 2017, Breivik inscreveu-se na Universidade, em ciência política, que estuda a partir ponuca, que estuda a partir da cela e mudou o nome para Fjotolf (bizarro em norueguês, por ser parecido com Fjott, que significa idiota).



VELHARIAS' "A liberdade de expressão do pensamento . pela Imprensa será exercida sem subordinação a qualquer forma de censura". Assim

começava o projeto de Lei de Imprensa proposto por Sá Carneiro e Pinto Balsemão, em 1970, há 52 anos (pode ler-se neste livro). Foi chumbado pela bafienta Assembleia Nacional de Marcello Caetano. Apesar do tempo e dos cuidados com que foi redigida, se fosse hoje cumprida estou convencido de que estaríamos melhor. Já previa Conselhos de Redação com poderes a que hoje poucos ligam, e preceitos que pouco se praticam.